

# ANAIS DE FILOSOFIA CLÁSSICA

## Um sonho homérico no *Críton* de Platão

Beatriz de Paoli  
UFRJ – Fac. de Letras

---

RESUMO: No *Críton*, de Platão, Sócrates narra a seu amigo o sonho que acabara de ter e que, percebido como um sonho profético, prenuncia o dia de sua morte (44a-b). Nessa passagem, observa-se uma recepção de Homero por Platão em diferentes níveis, visto que não somente a descrição do sonho de Sócrates obedece ao que poderíamos chamar de modelo homérico dos sonhos, mas também, no próprio sonho, a figura onírica que aparece ao filósofo cita um verso da *Iliada* de Homero.

PALAVRAS-CHAVE: Platão, Homero, onirocrítica, *homeromanteíon*, adivinhação

ABSTRACT: In Plato's *Crito*, Socrates tells his friend the dream he just had, which, perceived as prophetic, foretells the day of his death (44a-b). In this passage, Plato's reception of Homer is observed at different levels, since not only the description of Socrates' dream is shaped according to a Homeric model of dream narrative, but also because in the dream the oneiric figure which appears to Socrates quotes a verse from Homer's *Iliad*.

KEYWORDS: Plato, Homer, oneirocritic, *homeromanteíon*, divination

---

No início do *Críton*, a personagem homônima chega à prisão em que Sócrates se encontra – enquanto este está ainda dormindo – para persuadir o filósofo a fugir o quanto antes e evitar, assim, o cumprimento das leis que decretaram a sua morte e aguardam cumprimento. Ao despertar, Sócrates pergunta ao amigo por que ele veio tão cedo – pouco antes da aurora – e por que não o acordou. A esta última pergunta, Críton responde que ficou contemplando, admirado, a tranquilidade do sono de Sócrates. Como poderia dormir assim tão tranquilamente sabendo que em breve irá morrer? É, aliás, por causa disso, diz Críton, que veio tão cedo ao encontro do filósofo: traz a notícia de que o navio que vem de Delos foi avistado do cabo Súnio e deve, portanto, chegar ainda hoje ao Pireu, o que significa que o dia seguinte é o dia em que Sócrates deverá morrer<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> Durante a ausência do navio enviado a Delos em missão sagrada, a cidade de Atenas deveria permanecer pura e, portanto, nenhuma execução judicial deveria ocorrer nesse período. A proximidade

De Paoli, Beatriz  
*Um sonho homérico no Críton de Platão*

O filósofo, no entanto, diz não crer que o navio chegue hoje. Críton então pergunta de onde Sócrates teria tirado tal indício, ao que ele responde: “de um sonho” (ἐκ τινος ἐνυπνίου, *Cr.* 44a). Segue-se, então, a narrativa de tal sonho. Diz Sócrates:

Ἐδόκει τίς μοι γυνή προσελθοῦσα καλή καὶ εὐειδής, λευκὰ ἱμάτια ἔχουσα, καλέσαι με καὶ εἰπεῖν· “ὦ Σώκρατες, ἡματί κεν τριτάτῳ Φθίην ἐρίβωλον ἴκοιο.” (*Cr.* 44a-b)

Pareceu-me ver que se aproximava de mim uma mulher bela e graciosa, de vestes brancas, que me chamou pelo nome e disse: “Sócrates, no solo fértil de Ftia estarás no dia terceiro”<sup>2</sup>.

Essa descrição do sonho por Sócrates remete-nos diretamente a Homero não apenas porque a figura onírica que aparece ao filósofo cita, como nos informa a maioria das edições do *Críton*, um verso do canto nono da *Iliada*, mas também porque a forma em que o sonho é narrado obedece ao que poderíamos chamar de modelo homérico dos sonhos. Começamos, portanto, elucidando o que seria esse modelo homérico dos sonhos.

Na *Iliada* e na *Odisseia*, encontramos a narrativa de seis sonhos: três na *Iliada* – o sonho de Agamêmnon (II, 5-75), o de Aquiles (XXIII, 62-107), o de Príamo (XXIV, 677-89) – e três na *Odisseia* – o de Penélope com sua irmã (IV, 794-841), o de Nausícaa (VI, 15-50) e o de Penélope com os gansos (XIX, 535-58).

É comum à narrativa desses sonhos uma série de características que foram sistematicamente observadas por, entre outros, Garrido & Lobo (2003). Os autores observam nas descrições homéricas de sonhos as seguintes características:

(1) a recorrência de verbos de movimento – sendo os mais frequentes βαίνω e ἔρχομαι –, o que confere ao sonho uma existência espacial independente daquela do sonhador, que se encontra passivamente deitado;

(2) o uso da expressão “fica-lhe junto à cabeça” (στῆ δ' ἄρ' ὑπὲρ κεφαλῆς), que está presente em seis dessas descrições, seguida por “e lhe diz as seguintes palavras” (καί μιν πρὸς μῦθον ἔειπεν), que completa o hexâmetro, presente em cinco delas, excetuando-se a do sonho de Agamêmnon;

---

do navio, avistado no cabo Súnio, um promontório localizado a 69 quilômetros a sudeste de Atenas, aponta para o fim do período de interdição e, dessa forma, para a morte do filósofo no dia seguinte à chegada do navio ao Pireu, o porto de Atenas.

<sup>2</sup> Todas as citações do *Críton* correspondem à tradução de Carlos Alberto Nunes (2007, 2ª. ed.). Neste trecho, modificou-se, para maior clareza da citação, a 1ª. pessoa do plural – “estaremos” – para a 2ª. pessoa do singular, seguindo o texto grego.

De Paoli, Beatriz  
*Um sonho homérico no Críton de Platão*

(3) afora o sonho de Penélope com a águia e os gansos, em todos os demais, há a aparição de uma figura onírica, que se dirige até o sonhador, coloca-se junto à sua cabeça, chama a atenção ao estado de sono em que se encontra quem sonha – “Dormes, Atrida” (εὔδεις Ἀτρέος, *Il.* II, 23), “Dormes, Aquiles” (εὔδεις ... Ἀχιλλεῦ, *Il.* XXIII, 69), “Dormes, ancião” (ὦ γέρον ... εὔδεις, *Il.* XXIV, 683), “Dormes, Penélope” (εὔδεις, Πηνελόπεια, *Od.* IV, 804) – e lhe transmite uma mensagem;

(4) A mensagem proferida pelas figuras oníricas – seja uma ordem, um pedido ou palavras de consolo – é transmitida clara e diretamente em forma de discurso direto, em que se interpela o sonhador em 2ª pessoa do singular, não havendo assim necessidade de o destinatário do sonho, ao acordar, recorrer a alguém para lhe ajudar a interpretar o sonho (excetuando-se o sonho de Penélope). As mensagens oníricas são, assim, transmitidas por palavras – as palavras são a verdadeira substância desses sonhos.

Tomemos como exemplo o sonho de Aquiles, na *Iliada*, com o espectro de Pátroclo. Após a morte do amigo, Aquiles, tendo matado Heitor e ultrajado seu cadáver, deita-se para dormir na companhia de seus homens. Diz o poema:

εὔτε τὸν ὕπνος ἔμαρπτε λύων μελεδήματα θυμοῦ  
νήδυμος ἀμφιχυθείς· μάλα γὰρ κάμε φαίδιμα γυῖα  
Ἔκτορ' ἐπαΐσσων προτὶ Ἴλιον ἠνεμόεσσαν·  
ἦλθε δ' ἐπὶ ψυχῇ Πατροκλῆος δειλοῖο  
πάντ' αὐτῷ μέγεθός τε καὶ ὄμματα κάλ' εἰκυῖα  
καὶ φωνήν, καὶ τοῖα περὶ χροῖ εἶματα ἔστο·  
στῆ δ' ἄρ' ὑπὲρ κεφαλῆς καὶ μιν πρὸς μῦθον ἔειπεν·  
εὔδεις, αὐτὰρ ἐμεῖο λελασμένος ἔπλευ Ἀχιλλεῦ.  
οὐ μὲν μευ ζῶοντος ἀκήδεις, ἀλλὰ θανόντος·  
θάπτέ με ὅττι τάχιστα πύλας Αἴδαο περήσω.  
τῆλέ με εἴργουσι ψυχᾷ εἰδῶλα καμόντων,  
οὐδέ μέ πω μίσγεσθαι ὑπὲρ ποταμοῖο ἔῶσιν,  
ἀλλ' αὐτῶς ἀλάλημαι ἄν' εὐρυπυλῆς Ἄϊδος δῶ.(*Il.* XXIII, 62-74)

E quando o plácido sono o cerceou, aliviando-lhe as dores,  
pois em extremo cansados os membros donosos sentia,  
de perseguir o alto Heitor ao redor das muralhas de Troia,  
aproximou-se-lhe o espectro do mísero Pátroclo, ao morto  
em tudo igual, na estatura gigante, nos fúlgidos olhos  
e no agradável da voz; iguais vestes, também tinha o espectro.  
Fica-lhe junto à cabeça e lhe diz as seguintes palavras:  
Dormes, Aquiles, o amigo esquecendo? Zeloso eras antes,  
quando me achava com vida; ora, morto, de mim te descuidas.  
Com toda a pressa sepulta-me, para que no Hades ingresse,

De Paoli, Beatriz  
*Um sonho homérico no Críton de Platão*

pois as imagens cansadas dos vivos, as almas, me enxotam,  
não permitindo que o rio atravessasse para a elas juntar-me.  
Por isso, vago defronte das portas amplíssimas do Hades.<sup>3</sup>

Vemos então que afigura onírica (aqui, o espectro de Pátroclo, ψυχὴ Πατροκλήος, v. 65) aproxima-se de Aquiles (note-se o uso do verbo de movimento, ἦλθε, v. 65), o qual se encontra passivamente deitado e adormecido, então “fica-lhe junto à cabeça” (στῆ δ' ἄρ' ὑπὲρ κεφαλῆς, v. 68), fórmula que aparece em todas as descrições homéricas de sonhos, “e lhe diz as seguintes palavras” (καί μιν πρὸς μῦθον ἔειπεν, v. 68), expressão também recorrente e que introduz a mensagem do sonho; no caso, o pedido de Pátroclo a Aquiles de que seu corpo não permanecesse por mais tempo insepulto.

Podemos notar também que o espectro de Pátroclo chama a atenção para o fato de que Aquiles encontra-se adormecido (“Dormes”, εὔδεις, diz o espectro de Pátroclo no verso 69), transmite sua mensagem em discurso direto, chamando seu interlocutor pelo nome (“Dormes, Aquiles”, εὔδεις ... Ἀχιλλεῦ, v. 69) e interpela-o, diretamente, em segunda pessoa do singular (εὔδεις, v. 69; ἔπλευ, v. 69, θάπτε, v. 71). Após a narrativa do sonho, que se estende por vários versos, passa-se diretamente à ação: iniciam-se os preparativos para os funerais de Pátroclo.

Harris, em seu livro *Dreams and Experience in Classical Antiquity* (2009, pp. 23-41), denomina esse tipo de sonho, caracteristicamente homérico, de “epifânico” ou “sonho mensageiro”, diferentemente do sonho por ele denominado “episódico”, isto é, aquele que é constituído por uma sequência de eventos e cuja mensagem, para ser compreendida, demanda interpretação. No entanto, alerta o autor, esses dois tipos de descrição de sonhos podem se misturar, criando um tipo híbrido, cujo exemplo mais eloquente encontra-se no próprio Homero, no sonho de Penélope com os gansos, no canto XIX da *Odisseia*<sup>4</sup>.

De qualquer modo, a diferença mais relevante quanto aos sonhos parece ser aquela que distingue os sonhos significativos dos não-significativos, distinção esta já

<sup>3</sup> Todas as citações da *Iliada* correspondem à tradução de Carlos Alberto Nunes (2002).

<sup>4</sup> Como explica Harris (2009, p. 50), “Penelope’s dream about the eagle and the geese in *Odyssey* XIX, is something of a hybrid: it describes an episode – Penelope’s twenty geese were eating and she was enjoying the sight, when an eagle swept down and killed them all, to her dismay. Then there follows a kind of epiphany: the eagle returned, and in a human voice explained that he was Odysseus come to inflict vengeance on the suitors”.

De Paoli, Beatriz  
*Um sonho homérico no Críton de Platão*

formulada na conhecida passagem sobre os portões de chifre e de marfim, através dos quais, como narra Penélope, passam os sonhos enviados aos mortais:

ξείν', ἧ τοι μὲν ὄνειροι ἀμήχανοι ἀκριτόμυθοι  
γίνοντ', οὐδέ τι πάντα τελείεται ἀνθρώποισι.  
δοιαὶ γάρ τε πύλαι ἀμενηνῶν εἰσὶν ὄνειρων·  
αἱ μὲν γὰρ κεράεσσι τετεύχεται, αἱ δ' ἐλέφαντι.  
τῶν οἱ μὲν κ' ἔλθωσι διὰ πριστοῦ ἐλέφαντος,  
οἳ ῥ' ἐλεφαίρονται, ἔπε' ἀκράαντα φέροντες·  
οἳ δὲ διὰ ξεστῶν κεράων ἔλθωσι θύραζε,  
οἳ ῥ' ἔτυμα κραίνουσι, βροτῶν ὅτε κέν τις ἴδῃται.  
(*Od.* XIX, 560-7)

Inexplicáveis, de fato, estrangeiro, são todos os sonhos,  
faltos de senso, sem que se realize o que aos homens predizem.  
Duas espécies de portas existem, dos sonhos falazes:  
uma, é de chifre composta; de puro marfim a segunda.  
Os sonhos, pois, que nos vêm através do marfim trabalhado,  
são aparência enganosa e nos falam de coisas vazias;  
mas os que vêm através dos batentes de chifres polido,  
para os que os veem, verdade anunciam de coisas futuras.<sup>5</sup>

Note-se que, na diferenciação elaborada por Penélope entre os sonhos que chegam passando por uma ou outra porta, o que os distingue é o fato de estes se realizarem ou não; isto é, o fato de serem proféticos ou não. Assim, os que atravessam os portões de marfim enganam (ἐλεφαίρονται, v. 565) e não se cumprem (ἔπε' ἀκράαντα φέροντες, v. 565) e os que atravessam os portões de chifre, quando um dos mortais o vê (βροτῶν ὅτε κέν τις ἴδῃται, v. 567), encontram verdadeiro cumprimento (ἔτυμα κραίνουσι, v. 567). Note-se ainda que, nessa distinção feita por Penélope, estão presentes as características mais comuns aos sonhos homéricos: sua descrição através de verbos de movimento (ἔλθωσι, v. 564 e 566), o sonho percebido como uma aparição, uma epifania (daí, o uso do verbo “ver”, ἴδῃται, v. 567) e seu conteúdo como palavra falada (ἔπε', v. 565).

Agora podemos observar melhor como na descrição do sonho de Sócrates ecoa o modelo homérico: uma figura onírica (aqui, uma mulher, que se distingue pela aparência, descrita como “bela” e “graciosa” – καλή καὶ εὐειδής – e usando vestes brancas), aproxima-se (note-se o uso do verbo de movimento: προσελθοῦσα) e, chamando-o pelo nome, isto é, interpelando Sócrates diretamente, “diz-lhe” (εἰπεῖν) uma mensagem (no caso, um verso de Homero).

---

<sup>5</sup> Tradução de Carlos Alberto Nunes (2001).

De Paoli, Beatriz  
*Um sonho homérico no Críton de Platão*

Observe-se, no entanto, que Sócrates inicia o relato de seu sonho com o verbo  $\delta\acute{o}\kappa\acute{\epsilon}\omega$  ( $\acute{\epsilon}\delta\acute{o}\kappa\epsilon\iota\ldots \mu\omicron\iota$ ). O uso, para descrever o conteúdo de um sonho, como ocorre aqui, dos verbos  $\delta\acute{o}\kappa\acute{\epsilon}\omega$  mais infinitivo – com um dativo que designa o sonhador, aquele que vivencia o sonho – ou  $\acute{o}\rho\acute{\alpha}\omega$  mais infinitivo – com o sujeito do verbo designando o sonhador mais oração completiva de participio – é característico de outros autores do período clássico. Para Garrido & Lobo (2003, p. 83), essa construção sintática, inexistente em Homero, seria um sinal de um processo de interiorização da experiência onírica, visto que coloca em evidência o sujeito percipiente.

Porém, o uso dessa construção sintática não implica, necessariamente, como esclarece o autor, a descrição de um sonho episódico em vez de um sonho epifânico, de características homéricas. Assim, em Heródoto, por exemplo, narra-se como Xerxes, decidido pelos conselhos de seu tio Artábanos a não marchar contra a Hélade, teve, durante a noite, a seguinte visão: “pareceu a Xerxes que um homem de elevada estatura e de belas feições, colocando-se a seu lado, disse-lhe...” ( $\acute{\epsilon}\delta\acute{o}\kappa\epsilon\epsilon \acute{o} \Xi\acute{\epsilon}\rho\zeta\eta\varsigma \acute{\alpha}\nu\delta\rho\alpha \omicron\iota \acute{\epsilon}\pi\iota\sigma\tau\acute{\alpha}\nu\tau\alpha \mu\acute{\epsilon}\gamma\alpha\nu \tau\epsilon \kappa\alpha\iota \epsilon\upsilon\epsilon\iota\delta\acute{\epsilon}\alpha \epsilon\iota\pi\epsilon\iota\nu$ , Hdt. VII, 12.6-7)<sup>6</sup>. Embora a narrativa do sonho principie com  $\delta\acute{o}\kappa\acute{\epsilon}\omega$  mais infinitivo, as palavras da figura onírica, reproduzidas em discurso direto, interpelam Xerxes, dirigindo-se diretamente a ele em 2ª pessoa do singular, e lhe ordenam a não desistir da expedição contra a Grécia; isto é, o que se segue é um típico sonho “epifânico” ou “mensageiro”, de modelo homérico.

A grande particularidade, portanto, do sonho narrado por Sócrates reside no fato de o conteúdo verbal do sonho, sua mensagem, ser a citação de um verso de Homero; um verso que sofre uma pequena adaptação, adquirindo, assim, a forma de uma mensagem direta e pessoal, própria do modelo homérico de descrição dos sonhos. Primeiramente, pelo vocativo, “Sócrates”, com o qual a figura onírica interpela seu interlocutor, e, em segundo lugar, pela mudança da 1ª. pessoa do singular, do verso original ( $\iota\kappa\acute{o}\iota\mu\eta\nu$ ), para a 2ª. pessoa do singular ( $\iota\kappa\omicron\iota\omicron$ ).

Muitos comentadores desse texto platônico debateram sobre o sentido desse verso, pois, se, para Sócrates, seu sentido é claro – tão claro que, antes mesmo de narrar o sonho a Críton, o filósofo já oferece a sua interpretação, a de que, contrariamente ao que acredita Críton, o barco vindo de Delos não chegará hoje, mas amanhã, e, portanto, a sua morte se daria no “dia terceiro” – o mesmo não se pode dizer com relação aos seus

---

<sup>6</sup>Tradução nossa.

De Paoli, Beatriz  
*Um sonho homérico no Críton de Platão*

comentadores. O que eles procuram entender é como, de que modo, porque tipo de analogia, de raciocínio, Sócrates chega a essa interpretação. Vejamos, pois, algumas propostas.

Antes de mais nada, localizemos o verso homérico, ainda que tais propostas interpretativas não necessariamente levem em consideração seu contexto. Havíamos dito que esse verso figura no canto IX da *Iliada*. Esse canto narra o episódio conhecido como “embaixada a Aquiles”. Como se sabe, após ser ultrajado por Agamêmnon, Aquiles retira-se da guerra de Troia e, juntamente com seus homens, permanece recolhido em seu acampamento. Sem Aquiles e, além disso, com o apoio de Zeus, os troianos obtêm vantagem na guerra e acuam os gregos junto a seus navios, a que pretendem atear fogo. Nessa situação desesperadora, Agamêmnon decide enviar uma embaixada a Aquiles, composta pelos distintos Odisseu, Ajax e Fênix, de modo a persuadi-lo a voltar ao combate, oferecendo-lhe, como forma de reparação e recompensa, uma grande quantidade de presentes: objetos precisos, cavalos, cidades inteiras, a mão de uma de suas filhas, além, é claro, da jovem Briseida, a quem Agamêmnon jura solenemente não se ter unido. Odisseu, habilíssimo orador, é o primeiro a dirigir-se a Aquiles, mas nada do que ele diz persuade o encolerizado herói, que, em seu longo discurso de recusa, diz em certo momento o seguinte:

αὔριον ἰρὰ Διὶ ῥέξας καὶ πᾶσι θεοῖσι  
νηήσας εὖ νῆας, ἐπὶν ἄλλα δὲ προερύσσω,  
ὄψεται, αἶ κ' ἐθέλησθα καὶ αἶ κέν τοι τὰ μεμήλη,  
ἦρι μάλ' Ἑλλήσποντον ἐπ' ἰχθυόεντα πλεούσας  
νῆας ἐμάς, ἐν δ' ἄνδρας ἐρεσσέμεναι μεμαῶτας·  
εἰ δέ κεν εὐπλοίην δῶη κλυτὸς ἐννοσίγαιος  
ἦματί κε τριτάτῳ Φθίην ἐρίβωλον ἰκοίμην. (*Il.* IX, 357-63)

“cedo, amanhã sacrifícios farei a Zeus grande e aos eternos,  
e deitarei meus navios nas ondas, depois de providos.  
Tu próprio, certo, há de ver, se o quiseres e se isso te importa,  
pelo Helesponto piscoso, bem cedo, eles todos partirem  
e, neles, homens alegres, à força de remo impelindo-os.  
E se Posido, que a terra sacode, nos der ventos prósperos,  
no solo fértil de Ftia estaremos no dia terceiro”.

Para a maioria dos comentadores de Platão, a chave interpretativa para o sonho de Sócrates encontrar-se-ia no local mencionado no verso homérico: Ftia, a pátria de Aquiles. Como observa Kramer (1988, p. 193), grande parte dos comentadores

De Paoli, Beatriz  
*Um sonho homérico no Críton de Platão*

considera que o verso de Homero deve ser entendido metaforicamente e que, portanto, a “fétil Ftia” seria uma metáfora para a morte.

De fato, numa breve análise das edições comentadas do *Críton*, observamos que são recorrentes as interpretações nesse sentido. Louis Dyer (1895, p. 155), por exemplo, diz: “Socrates thinks of dying as going home and Phthia was the home of Achilles”. Para John Burnet (1924, pp. 257-8), “The words are spoken by Achilles, who means that he can get *home* in three days and that is what Socrates understands the dream to mean” (observe-se o itálico na palavra “home”). Da mesma forma, Grube & Cooper (2000, 3<sup>a</sup>. ed., p. 111, nota 1) afirmam: “Socrates takes the dream to mean that he will die, and his soul will find its home, on the third day”.

Nessa interpretação em que voltar para a pátria é uma metáfora para a morte, a bela mulher simbolizaria, como sugere Taylor (1949, 6<sup>a</sup>. ed., p. 169), por exemplo, o navio que se aproxima vindo de Delos e as vestes brancas da figura onírica, as velas brancas do navio.

Kramer, no entanto, tem uma outra proposta para se compreender o sonho narrado por Sócrates. O autor propõe que entendamos o verso homérico não em um sentido metafórico, mas num sentido mais literal. Críton oferece a Sócrates que, fugindo, dirija-se para a Tessália, onde ele tem amigos que o receberiam e o protegeriam (45c). Ftia, diz o autor, é uma cidade da região da Tessália, de modo que o sonho oferece uma possibilidade de fuga para o filósofo, renunciando, portanto, não a sua morte no dia terceiro, mas o próprio apelo que seu amigo veio lhe fazer: o apelo de que fuja para a Tessália.

Kramer sugere ainda que é preciso considerar o contexto em que esse verso aparece em Homero. Logo após a passagem acima citada – mais especificamente, 47 versos depois –, Aquiles menciona que sua mãe, a deusa Tétis, dissera-lhe que ele poderia escolher entre dois destinos possíveis: voltar para Ftia e viver uma vida longa e ordinária ou morrer jovem na guerra de Troia, mas conquistando uma glória imorredoura. O autor vê um paralelo entre o dilema de Aquiles e o de Sócrates, no *Críton*, já que o filósofo enfrenta o dilema de ou fugir e viver ou ficar e morrer, mas conquistando igualmente uma glória imorredoura.

Embora a leitura de Kramer seja interessante, não encontro, ao menos em minha leitura do *Críton*, nenhum indício de que Sócrates estaria enfrentando esse dilema a que

De Paoli, Beatriz  
*Um sonho homérico no Críton de Platão*

o autor se refere: a meu ver, o filósofo se encontra, desde o princípio do diálogo, decidido a cumprir as leis que exigem a sua execução; isto é, decidido a morrer e não a fugir. Aliás, creio que isso estaria implícito na própria interpretação que Sócrates faz do sonho, interpretação esta que Kramer parece desconsiderar, mas que é um dado importante. E essa interpretação é a de que o navio vindo de Delos só chegaria no dia seguinte e que, portanto, ele só morreria no “dia terceiro”.

Note-se que, após o relato de seu sonho a Críton, este exclama: “Que sonho estranho, Sócrates!” (Ἄτοπον τὸ ἐνύπνιον, ὦ Σώκρατες). E Sócrates responde: “Mas muito significativo, Críton, parece-me” (Ἐναργὲς μὲν οὖν, ὥς γέ μοι δοκεῖ, ὦ Κρίτων). O que, nesta passagem, Carlos Alberto Nunes traduz como “muito significativo” é o termo *ἐναργὲς*. Esse termo se refere, como explica Lieshout (1980, p. 18-9), a uma qualidade própria de certos sonhos, mais relacionada ao seu aspecto visual do que ao seu aspecto interpretativo. Assim, exemplifica o autor, quando a rainha Atossa, na tragédia *Os Persas*, de Ésquilo, distingue os muitos sonhos com os quais convive desde a partida de seu filho Xerxes do sonho que ela viu aquela noite e que narra ao Coro de Fiéis, o termo que ela usa para distingui-lo é *ἐναργὲς*, (*Pe.* 179). Diz a rainha:

πολλοῖς μὲν αἰεὶ νυκτέροις ὄνειρασιν  
ξύνειμι', ἀφ' οὐ̄περ παῖς ἐμὸς στείλας στρατὸν  
Ἰαόνων γῆν οἴχεται πέρσαι θέλων·  
ἀλλ' οὔτι πω τοιόνδ' ἐναργὲς εἰδόμην  
ὡς τῆς πάροιθεν εὐφρόνης· λέξω δέ σοι.(*Pe.* 176-80)

Com muitos sempre noturnos sonhos  
convivo, desde que meu filho com o exército  
foi-se à terra dos jônios para dispersá-la,  
mas ainda não tinha visto nada tão claro  
como ontem à noite, o que te contarei.<sup>7</sup>

Não se trata, no entanto, de um sonho “claro” no que se refere à interpretação que dele se possa fazer, haja vista que, no exemplo citado, a própria Rainha encontra-se perdida e pede ao Coro conselhos a respeito de como interpretá-lo. Lieshout sugere que essa “clareza” diz respeito à clareza da visão onírica. Embora o autor não mencione isso, essa “clareza” da visão onírica seria um fator que torna o sonho significativo, que lhe confere um estatuto diferenciado no sentido de torná-lo pleno de um potencial divinatório. Nesse sentido, é eloquente a tradução de Carlos Alberto Nunes, que, em vez de traduzir “mas muito claro, ao que me parece, Críton”, traduz “mas muito

<sup>7</sup> Tradução de Jaa Torrano (2009).

De Paoli, Beatriz  
*Um sonho homérico no Críton de Platão*

significativo, ao que me parece, Críton”, pois é exatamente assim que o sonho parece ser percebido por Sócrates: como um sonho profético, a lhe prenunciar o dia da sua morte.

Há ainda uma terceira proposta de interpretação entre os comentaristas do *Críton*, que é, diga-se de passagem, a mais unanimemente descartada. Essa interpretação, proposta pela primeira vez por Lambinus, um filólogo francês do século XVI<sup>8</sup>, baseia-se num jogo de palavras entre o substantivo próprio Φθίη e o verbo φθίνω, “perecer”, “morrer”<sup>9</sup>. Esse trocadilho explicitaria, assim, o verdadeiro sentido desse verso homérico na interpretação que dele faz Sócrates<sup>10</sup>.

Tal interpretação não é descartada por Vicaire em seu artigo “Platon et la divination”, de 1970. Por que ele não a descarta? Porque Vicaire, além de traduzir e comentar algumas obras platônicas, escreveu alguns artigos nas décadas de 1960 e 1970 sobre a adivinhação<sup>11</sup>. Ele estava familiarizado, dessa forma, com um tipo de adivinhação denominada cledomancia, em que o jogo de palavras desempenha um papel importante. Κληδών é uma palavra cuja duplicidade de sentido é entendida por quem a ouve como um sinal divino, um presságio<sup>12</sup>.

Aproveitemos o trecho dos *Persas*, acima citado, como exemplo. A Rainha diz que convive com muitos sonhos desde que seu filho com o exército “foi-se à terra dos jônios para dispersá-la” (Ιαόνων γῆν οἴχεται πέρσαι θέλων, *Pe.* 178). Temos aqui um κληδών: o infinitivo aoristo do verbo πέρθω, traduzido por “dispersar” (πέρσαι), é idêntico em forma e pronúncia ao nominativo do nome próprio “Persas” (Πέρσαι). Assim, nesse jogo de palavras, faz-se ressoar a ideia de que o próprio nome da

<sup>8</sup> Denys Lambin ou Dionysius Lambinus (1520-1572).

<sup>9</sup> Burnet (1924, p. 258) declara expressamente seu descrédito em tal interpretação: “I cannot believe that Φθίηvis meant to suggest the verb φθίνω, as Lambinus supposed”.

<sup>10</sup> Curiosamente, J. Adam, em sua edição comentada do *Críton*, publicada em 1888, não só diz “I feel sure that (rightly or wrong) Socrates associated Φθίη with φθίνω and φθίσις”, como afirma que, em sua opinião, Eurípides, em sua *Electra*, faz um trocadilho semelhante com a palavra Φθίη. Orestes, pouco antes de matar Egisto, enquanto esfola uma novilha com uma “faca dórica” (Δωρίδ’, v. 819), exclama, na tradução de Jaa Torrano (2015): “não nos trarão faca de romper o peito / ftiada em vez de dórica?” (οὐχ, ὅπως παστήρια θοινασόμεσθα, Φθιάδ’ ἀντὶ Δωρικῆς οἴσει τις ἡμῖν κοπίδ’ ἀναρρήξαι χέλυς; v. 836-7). A faca ftiada é a faca com que Orestes mata, na sequência, Egisto e parece ser mais adequada tanto pelo seu formato – a dórica seria uma faca mais alongada, enquanto a ftiada, uma faca mais curva e mais apropriada para trinchar –, quanto pelo fato de seu nome evocar o destino de morte que traz ao assassino de Agamêmnon.

<sup>11</sup> Como, por exemplo, “Pressentiments, présages, prophéties dans le théâtre d’Eschyle”, publicado na *Revue des études grecques*, em 1963, e “Images d’Amphiaros dans la Grèce archaïque et classique”, publicado no *Bulletin de l’Association Guillaume Budé*, em 1979.

<sup>12</sup> Conferir Bouché-Leclercq (2003[1879-82], pp. 125-9).

De Paoli, Beatriz  
*Um sonho homérico no Críton de Platão*

etnia – persas –preunciaria seu destino nessa guerra movida contra a Grécia: a dispersão, a devastação, a destruição, não dos inimigos, como diz a Rainha, mas de si mesmos.

Sendo assim, não me parece nem um pouco descabido pensar nesse jogo de palavras que aproxima o sentido de Ftia, a pátria de Aquiles a que o verso homérico se refere, ao verbo φθίνω, “perecer”, “morrer”, visto que aí pode residir um κληδών, um sinal divinatório a prenunciar a morte de Sócrates.

Por fim, resta uma questão: por que um verso de Homero? Não há dúvida de que Homero ocupa um lugar privilegiado, de autoridade, na obra platônica. Homero é com certeza, para Platão, o Poeta, com letra maiúscula. Mas eu gostaria de chamar a atenção para um outro lugar ocupado pelos versos homéricos na Antiguidade: o de oráculo.

Já no século V, temos indício do uso divinatório de versos homéricos. Aristófanes, na comédia *A Paz*, parodia essa prática. O personagem Hiérocles, um adivinho errante, pergunta a Trigeu, que pretende desmoralizá-lo: “Qual oráculo mandou vocês queimarem coxas aos deuses?” (Ποῖον γὰρ κατὰ χρησμὸν ἐκαύσατε μῆρα θεοῖσιν; *Ar. Pax*, 1088), ao que Trigeu responde: “Aquele belíssimo feito por Homero!” (“Ὅν περ κάλλιστον δῆπου πεπόηκεν Ὅμηρος;”, *Ar. Pax*, 1089), e cita os seguintes versos, que são uma mistura de fragmentos de versos homéricos originais com versos do próprio Aristófanes em dialeto homérico:

“Ὡς οἱ μὲν νέφος ἐχθρὸν ἀπώσάμενοι πολέμοιο  
Εἰρήνην εἴλοντο καὶ ἰδρύσανθ' ἱερείῳ.  
Αὐτὰρ ἐπεὶ κατὰ μῆρ' ἐκάη καὶ σπλάγγν' ἐπάσαντο,  
ἔσπενδον δεπέσσιν, ἐγὼ δ' ὄδον ἡγεμόνευον.”  
χρησμολόγῳ δ' οὐδεὶς ἐδίδου κώθωνα φαεινόν. (*Pax*, v. 1090-4)

“Dessa maneira, tendo o terrível bulcão da batalha repellido,  
optaram pela paz e ofereceram um sacrifício.  
Quando queimadas as coxas e as vísceras todas comidas,  
com suas taças libavam, e eu próprio ia à frente o caminho mostrando”,  
mas ninguém dava ao vate a reluzente caneca.<sup>13</sup>

Muitos oráculos eram de fato, se não transmitidos, ao menos recolhidos em hexâmetros dactílicos. Tucídides, no livro II da *História da Guerra do Peloponeso*, ao narrar a desgraça que havia atingido a cidade de Atenas com a peste, diz que aos atenienses, “no meio desta calamidade, pareceu natural que recordassem o seguinte verso que os homens mais velhos diziam ter sido cantado muito tempo antes: ‘virá uma

<sup>13</sup> Tradução nossa, baseada na tradução de Homero por Carlos Alberto Nunes.

De Paoli, Beatriz  
*Um sonho homérico no Críton de Platão*

guerra dórica e com ela uma pestilência” (ἐν δὲ τῷ κακῷ οἷα εἰκὸς ἀνεμνήσθησαν καὶ τοῦδε τοῦ ἔπους, φάσκοντες οἱ πρεσβύτεροι πάλαι ἄδεσθαι ἥξει Δωριακὸς πόλεμος καὶ λοιμὸς ἄμ' αὐτῷ. II, 54). A palavra aqui traduzida por “verso oracular” é justamente o termo ἔπος.

Dessa comunhão entre poesia e profecia outros autores da Antiguidade participavam, mas a autoridade de Homero fez de seus versos o repositório ideal de um conhecimento divinatório. Tanto que, nos *Papyri Graecae Magicae*, da Antiguidade Tardia, encontra-se uma seleção de 216 versos homéricos reunidos sob o título de *Homeromanteion*<sup>14</sup>. Através do uso de dados e de números que identificam os versos, o consulente recebia um hexâmetro homérico como resposta à sua pergunta.

Martín-Hernández (2014) chama atenção para o fato de que tais versos correspondem, em grande parte, a *lógoi* de heróis e, geralmente, são os primeiros versos desses *lógoi*, de modo que exigiriam do consulente um conhecimento do texto homérico, porque, por um verso, poder-se-ia descobrir quem fala e em que contexto se encontra essa fala. Não se poderia, no entanto, a meu ver, descartar o princípio cledomântico nessa prática divinatória: um verso, fora de seu contexto, que adquire um sentido próprio, e é ressignificado pelo consulente, de modo a adequar-se como resposta à pergunta que se faz.

Muitos, portanto, podem ser os sentidos de “Sócrates, no solo fértil de Ftia estarás no dia terceiro”. Muitas, com certeza, são as interpretações. Mas não resta dúvidas de que nos encontramos diante de um dos mais complexos e belos usos que Platão faz da poesia homérica, explorando-a em todo o seu potencial, seja como modelo narrativo, seja como prenúncio de desígnios divinos.

### Referências Bibliográficas:

ARISTÓFANES. *Comédias*. Introdução, tradução e notas de Maria de Fátima de Sousa e Silva. vol. 2. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2006.

BOUCHÉ-LECLERCQ, A. *Histoire de la Divination dans l'Antiquité*. Grenoble: Éditions Jérôme Millon, 2003 [1879-82].

---

<sup>14</sup>P.Lond. 121 (PGM VII). Há ainda mais dois manuscritos em que se encontram *Homeromanteia*, o P.Oxy. 3831 e o P.Bon. 3, mas estes, infelizmente, não se encontram tão bem preservados. Como nos informa Martín-Hernández (2014, p. 6), o PGM VII pode ser datado do século IV d.C., mas essa data é discutível e, nas diferentes edições, há uma variação de datação que vai do final do século III até o século V d.C.

De Paoli, Beatriz

*Um sonho homérico no Crítón de Platão*

- DE PAOLI, B. *A adivinhação na tragédia de Ésquilo*. 2015. 416 ff. Tese (Doutorado em Letras Clássicas) – Departamento de Letras Clássicas e Vernácula, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.
- ÉSQUILO. *Tragédias: Os Persas, Os Sete contra Tebas, As Suplicantes, Prometeu Cadeeiro*. Estudo e tradução de Jaa Torrano. São Paulo: Iluminuras, 2009.
- EURÍPIDES. *Teatro Completo*. vol. 2. Tradução de Jaa Torrano. São Paulo: Iluminuras, 2015.
- GARRIDO, R. F. & LOBO, M. A. V. “La terminología griega para ‘sueño’ y ‘soñar’”. *Cuadernos de Filología Clásica*, 13, 2003, pp. 69-104.
- GRUBE, G. M. A. & COOPER, J. M. *The Trial and Death of Socrates*. 3<sup>a</sup>. ed. Indianapolis: Hackett Publishing Company, 2000.
- HARRIS, W. V. *Dreams and Experience in Classical Antiquity*. Cambridge, Massachusetts and London: Harvard University Press, 2009.
- MARTÍN-HERNÁNDEZ, R. “Using Homer for divination. *Homeromanteia* in context”. *Center of Hellenic Studies Research Bulletin*, 2 (1), 2014, pp. 1-18.
- HÉRODOTE. *Histoires*. Livre VII. Texte établi et traduit par Ph.-E. Legrand. Paris: Les Belles Lettres, 2003 [1951].
- HOMERO. *Odisseia*. Tradução de Carlos Alberto Nunes. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001.
- \_\_\_\_\_. *Iliada*. 2. ed. Tradução de Carlos Alberto Nunes. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.
- KRAMER, S. “Socrates’ Dream: Crito 44a-b”. *The Classical Journal*, 83 (3), 1988, pp. 193-197.
- LIESHOUT, R. G. A. van. *Greeks on Dreams*. Utrecht: H&S, 1980.
- PLATÃO. *Critão, Menão, Hípias Maior e outros*. Tradução de Carlos Alberto Nunes. 2a. ed. Belém: EDUFPA, 2007.
- PLATO. *Apology of Socrates and Crito*. Edited on the basis of Cron’s edition by Louis Dyer. Boston: Ginn & Company, 1895.
- \_\_\_\_\_. *Euthyphro, Apology of Socrates and Crito*. Edited with notes by John Burnet. Oxford: Clarendon Press, 1924.
- TAYLOR, A. E. *Plato, the Man and his Work*. 6. ed. London: Methuen & Co. Ltd, 1949.
- THUCYDIDE. *La Guerre du Péloponnèse*. Tome II, 1re partie: Livre II. Texte établi et traduit par Jacqueline de Romilly. Paris: Les Belles Lettres, 2009 [1981].
- VICAIRE, P. “Platon et la divination”. *Revue des Études Grecques*, 83, 1970, pp. 333-350.

[Recebido em novembro de 2016; aceito em fevereiro de 2017.]